

POSSE DO MEMBRO TITULAR
JOSÉ AUGUSTO DA SILVA MESSIAS
DISCURSOS

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Acadêmico Sérgio D'Ávila Aguinaga

Cumprindo o artigo 1º, item XVIII, combinado com o artigo 35, parágrafo 4º, do regimento geral desta Academia onde está prescrito que o nome do escolhido para saudar o novo acadêmico é designado pelo recipiendário em acordo com o presidente, aqui estou.

Tais dispositivos guardam o princípio da autoridade do nosso presidente e tornam o orador oficialmente designado para falar em nome desta casa. Como escreveu Santo Agostinho, "Roma locuta est causa finita". Decide o presidente.

Sou, pois, emocionalmente grato ao novo acadêmico por ocupar esta tribuna e regimentalmente envaidecido pela atribuição do Senhor Presidente em dar-vos as boas vindas expressando o sentimento de todos.

É dever primário que esta cerimônia, na parte a mim atinente, seja dividida em 2 fases: a primeira, a de apresentar ao novo confrade a casa onde habitará por toda a vida e, mais ainda, onde deixará sua memória. Em outra fase, devo tornar público os atributos que fizeram do prof. Messias merecedor desta honra.

O Bios Brahis Ede Tehne Makre.

A vida é breve e a arte é longa.

Após ingressar neste salão, o ainda eleito, acompanhado pelos acadêmicos de sua escolha, prestou um juramento e um compromisso, recebeu a medalha e o diploma e foi proclamado. Neste exato instante, tornou-se acadêmico. Ao sentar-se em local reservado, de frente para seus confrades, por certo imbuído da emoção do momento, não notará a inscrição citada, também não percebida pelos convidados. Ela não está inscrita em paredes laterais ou atrás da presidência e da mesa diretora. Avisa, permanentemente, a fugaz existência humana e a grande obra infundável a ser realizada, pois tem as letras gregas do pensamento hipocrático estrategicamente localizadas. Ao alto e de frente para a presidência, a mesa diretora e os acadêmicos, está a lembrar o tempo curto e a nobre missão que nos é atribuída.

Na velocidade do passar dos dias, anos e até séculos, fugaz e imperceptível, a inscrição na parede, fria e aparentemente muda, grita, troveja pela simplicidade de suas palavras, a grandeza dos seus objetivos. O esforço no cumprimento da mensagem tem que ter a constância, a perseverança, a dedicação dos seus princípios e fins, e o amor infundado pela instituição.

A meta é a consecução dos objetivos colimados. Trabalhar pela academia, zelar e respeitar a sua memória, consolidada pela fraternidade e pelo tenaz esforço do bem comum; a eternidade desta casa.

Meu caro acadêmico, vossa investidura tem como substrato a mais antiga Sociedade Cultural do Brasil, com mais de 170 anos de respeito às tradições e aos princípios básicos que norteiam nosso apego à instituição, a fidelidade absoluta e irrestrita submissão aos seus

mandamentos básicos - o estatuto e regimento. Como quaisquer documentos, ambos vêm sendo aprimorados e adaptados às transformações exigidas pelo passar dos tempos. Nunca serão perfeitos. Serão modificados de acordo com o consenso, mas jamais feridos ou desrespeitados. Eles nos unem. Padre Vieira, no sermão do Santíssimo Sacramento escreve com sabedoria e propriedade.

"As obras da natureza e as da arte, todas, se conservam e permanecem na união e todas na união se desfazem, se destroem, se acabam. O edifício sem união, é ruína; o navio sem união, é naufrágio; o exército sem união, é despojo. Faça cada um muito escrupulo de sua desunião, porque pode ser que dela dependa ou a ruína ou a conservação da estátua".

Esta a 1ª mensagem a ser transmitida a Vossa Excelência, em nome dos acadêmicos.

As tertúlias semanais, o convívio dos colegas, o usufruir de suas inteligências e cultura é um prazer que a poucos é dado e por muitos invejado. Esta vetusta senhora tem a característica incomparável de ser vestida e adornada pelos seus servos. A qualidade e a quantidade de oferendas que se lhe possa adicionar depende de cada um, individualmente, sem possibilidade de oferecimento conjunto. Estes adornos, senhor acadêmico, serão os fatos concernentes à vossa vida. Guardando zelosamente a memória, este sodalício não perdoa aos que usaram jóias falsas ou adornos insuficientes.

Vossa memória será resguardada mas a qualidade da mesma dependerá de Vossa Excelência. Que o nobre acadêmico não tenha ilusões ou afague esperanças de que vossa atuação fique esmaecida com o tempo ou volátil como nuvem passageira.

O reviver em cada cerimônia traz à vida, para não dizer às claras, a memória que foi construída. Isto é a imortalidade acadêmica. Neste ambiente de total liberdade de expressão com restrições impostas apenas pelos mandamentos desta casa, vosso espírito, vossa cultura e vossos ideais poderão conviver harmoniosamente com pensamentos diversos.

Nada mais atual do que o passado redivivo, pois o presente nada mais é do que o aprimoramento evolutivo do passado com aspirações a conviver em futuro ignorado, mas do qual desejamos participar. Assim tem sido nossa medicina, a caminhar sempre adiante, sorvendo as decepções e agruras passadas para um exercício digno de um presente e um legado proveitoso ao futuro.

No limiar do século XXI a humanidade e a medicina caminham por uma estrada onde os conceitos de vida e de morte desafiam as consciências e o saber. Hoje não podemos definir exatamente o que é vida ou seu término. Bate às portas o controle da vida das células, o conhecimento do progresso de envelhecimento e os limites das mensagens aos cromossomas. Aproxima-se com a rapidez, que só a mente do homem possui, o controle do direcionamento das mensagens ao envelhecimento, à juventude perene, ou a fabricação de células jovens, cheias de vitalidade, porém sem expressão fisiológica.

É um desafio à nossa consciência o admitir que as limitações da vida poderão ser controladas em laboratório. Não podemos negar que não é mais uma quimera.

E a morte?

Pelo passar dos séculos, a evidência e a constatação do término do sopro divino da vida evoluiu da respiração para o batimento cardíaco e fundamenta-se, hoje, na atividade cerebral. Quanto de romantismo foi perdido quando poetas e cancioneiros dedicavam ao coração a fonte dos anseios, emoções e vida. Hoje para-se o coração, diminui-se ou acelera-se seus batimentos com o uso frio da tecnologia.

Poetas, seresteiros tremei; ao dedilhar o pinho querido, tenham o cuidado em não dedicar sua inspiração musical e suas trovas para um coração alheio. Seus versos terão que diferenciar a portadora do órgão e o próprio. À qual dedicará sua inspiração?

Será a célula nervosa, traduzindo a vida pelas ondas elétricas do cérebro, o sinal definitivo do conceito atual da morte? O século 20, século do cérebro, deixará as sementes que irão contrariar o conceito da regeneração da célula nervosa e o transplante do órgão central e regulador - o cérebro.

Os múltiplos transplantes, as clonagens, as inseminações de embriões possibilitando a que mulheres dêem a luz até a bisnetos, as cirurgias robotizadas e realizadas a milhares de quilômetros de distância são de constatação e leitura diária nas publicações científicas. E eu torno a me perguntar: o que é vida em todas as suas fases, do princípio ao meio e ao fim?

Sabendo que cada órgão, cada célula tem seu tempo diferente de sobrevivência, que os transplantes evoluem para a utilização cada vez maior de órgãos naturais doados e de órgãos artificiais elaborados nas oficinas e laboratórios, leva-me a conclusão de que a vida é um estado de equilíbrio entre os vários componentes do corpo humano e, como uma máquina, a peça pode inclusive ser transferida mas o equilíbrio foi destruído... chamem a isto sopro de vida, é o que nos resta. Goethe pediu luz em seu último alento.

Gênio, do padrão dos que se contam nos dedos, ficaria hoje ruborizado ao tomar conhecimento das artimanhas do demo e do primarismo das tratativas com Fausto para devolver-lhe a mocidade e a possibilidade em corresponder aos anseios da doce Margarida. Gounod e Boito, que foram buscar no libreto a inspiração para suas músicas eternas, ficariam frustrados ao compor o coro dos anjos perdoando os anseios amorosos de Fausto pelo pecado cometido, trocando a juventude que lhe foi dada à custa de sua alma.

Bastaria que um anjo protetor, com a fiscalização eficiente do serviço de vigilância sanitária, controlasse as maquiavélicas intenções de Mefistófeles e lhe não fosse dada a oportunidade de comprar um Viagra falsificado. O jovem, cuja definição é indefinida, já foi motivo da crítica ferina de Nelson Rodrigues, que abjurava o termo.

Estou convencido de que jovem é parâmetro, variando sua denominação ao momento enfocado. Jovem é um presidente de 50 anos. Coroa é um garoto de 18 anos em festa de meninas de 10 ou 11 anos. Esta discussão está se tornando efêmera pois o controle das proteínas

mensageiras vai dirimir dúvidas e sofrer discussões. Não sei quando, mas aproxima-se a época em que os indivíduos serão convidados a envelhecer e morrer em classes determinadas pelas autoridades, como é feito no serviço militar.

Sir Robert Sykes, em belíssima conferência lida nesta Academia, escreveu "os debates sobre a amplitude da genética são tão intensos que, na Inglaterra, criou-se a comissão "Human Genetic Advisory Commission". O objetivo desta comissão, além de amplamente avaliar a evolução da genética humana, estuda suas conseqüências sociais, éticas e econômicas.

Estamos já presenciando a análise fria e exata dos responsáveis pelo destino das nações com a constatação de que a força de trabalho diminui, espremida entre a baixa taxa de mortalidade infantil e a elevação do nível médio de vida. Discussões políticas em torno do assunto envolvendo custos, aposentadoria precoce, etc... são o prato do dia dos políticos. É preocupação da OMS a evidência de que mais crianças sobrevivem e os velhos não morrem. O espaço médio, "feed- back" de ambos, enfim, a faixa da força de trabalho, cada vez mais estreita, bem como é de discussão diária a qualidade de vida dedicada aos velhos.

Veja, senhor acadêmico, o que vos espera!

Um volume de inquietudes, envolvendo ética e técnica, a serem discutidas e soluções a serem alvitradas. Assuntos verdadeiramente acadêmicos, motivação para embates entre acadêmicos, seus confrades e confreriras. Estará Vossa Excelência preparado para tais embates? É o que determina a 2ª fase de minha saudação. Apresentá-lo à casa que vos recebe.

O primeiro vagido de Vossa Excelência foi ouvido na Casa de Saúde São José, em 31 de maio de 1949. Tenho dúvidas se o choro já não seria protesto pela intuição da possibilidade do cruzamento de nossas vidas. O obstetra era assistente dileto e querido de meu pai. Sylvio Sertã, hoje ainda forte e passado dos 90 anos e que, desde estudante, foi figura permanente em nossa casa pela dedicação, afeto e admiração a Armando Aguinaga, meu pai. Quando Vossa Excelência abriu os pulmões já tinha a envolvê-lo os miasmas da minha presença.

Rapidamente recuperou-se, pois foi criado no romântico bairro de Vila Isabel onde ainda se cantava, "saí de casa olhando a lua e até hoje estou na rua". Razões tinha Noel Rosa em expressar, com seu enorme talento de poeta e letrista, os encantos do bairro onde vivia e onde Vossa Excelência foi criado, cercado de árvores frutíferas, no casarão da rua Torres Homem. Na Vila Marieta habitava a família, cultivando o bom convívio com a vizinhança eclética e com as tradições e costumes.

Não foi sem sentido a adoção do nome Messias quando vosso ancestral no século XVIII, ao desembarcar, resolveu trocar o nome. O fez para absorver totalmente a nova nacionalidade - José Messias. Até hoje é compulsório que cada geração tenha um José Messias em homenagem ao lusitano que fincou suas raízes em nova terra. José Messias é o nome de Vossa Excelência e de um de vossos filhos. Está mantida a tradição da troca inicial do nome e persistência na obrigação de ser um Messias.

É tanto o apego a este vínculo que vossa mãe D. Marina vive até hoje na mesma casa, com 27 portas e 29 janelas, e não admite ser removida de lá. Seu amor é tão arraigado que, perdendo o

marido, impôs 2 condições aos 2 filhos: não queria ver o marido morto e não admitia sair da casa. Os filhos cumpriram e cumprem. Vossa mãe vive protegida pela segurança da tradição e do respeito da vizinhança, sentimentos construídos pelo tempo.

E assim foi crescendo nosso acadêmico em ambiente musical devido ao gosto paterno e aos embalos do partido alto do Sargento Martinho (o da Vila), vizinho da casa. Vosso pai, Tarcísio Torres Messias, era cultor da música e foi professor universitário e antropólogo ilustre.

Não suspeitava o novel acadêmico que estava em gestação a posse do Hospital Pedro Ernesto pela Faculdade de Ciências Médicas.

Desejo apenas fazer um ligeiro parênteses para prestar homenagem a Cumplido de Sant'Anna tão esquecido e injustiçado. A Cumplido de Sant'Anna, e só a ele, deve a Faculdade de Ciências Médicas sua anexação à Universidade do Estado da Guanabara. Quando o reitor convenceu seus pares a que, em um ato que deveria constar em monumento específico com louvação diária, doassem, é esta a palavra, doassem todas as ações da Faculdade de Ciências Médicas S.A ao governo, permitindo sua anexação à Universidade, sem qualquer ônus. O volume patrimonial doado pode ser avaliado, em parte, pelo edifício da Rua Fonseca Teles. A este grande homem, esquecido pela Universidade, por inflexível no seu comportamento, minhas homenagens.

A referência a seu nome se dá pelo vínculo de sua atividade com a posse do Hospital Pedro Ernesto pela UERJ onde Vossa Excelência ingressou, após difícil vestibular, e, até hoje, lá permanece.

Não poderia imaginar que o vagido da Casa de Saúde São José seria continuado por protestos mudos ou não, pela presença dos meus miasmas. Lá estava eu quando iniciou o curso e encontrou-me no 5º ano. Talvez o nobre acadêmico tenha confeccionado o boneco-símbolo para meu enforcamento nas belas e frondosas mangueiras do pátio do hospital. Nesse protesto, eu estava em boa companhia pois contava como colegas, nas execuções simbólicas, os Prof. Paulo de Carvalho, Bruno Lobo, Arnaldo Rocha e Silvia, Cumplido Sant'Anna, Jayme Landman, entre outros.

Apesar de enforcados, e o que é curioso, pela esquerda e pela direita, mantivemos restrito o número de alunos. Os que protestaram, engrossando o coro demagógico dos excedentes, auferiram, em virtude da limitação das vagas, de uma educação médica diferenciada. O ingresso na Faculdade de Ciências Médicas, o vestibular de opção mais procurada e como tal difícil, foi o resultado de uma educação básica no Colégio São José dos irmãos Maristas.

Assim foi a vida de Vossa Excelência. Infância sadia. Educação sólida. Ingresso na FCM.

Faço um intervalo. Não posso deixar de citar esta barba que o acadêmico ostenta. Eu, particularmente, tenho aversão por estes adornos, de barba e bigode. Nosso acadêmico a usa por gosto e eu por imposição matrimonial. Ambos ficamos sem barba e bigode em certa fase da vida. Eu, em Boston, perdendo a aposta feita de que minha filha seria homem. Não havia ultrassom para tirar os encantos da dúvida. Perdi - lá se foi o bigode.

O acadêmico Messias vendeu a barba. Vosso pai comprou-a, fornecendo o numerário para a aquisição de um carro, porém, com o compromisso de ficar sem a barba durante cinco anos. Assim foi de 1972 a 1977. A mim, custou-me tremenda repreensão doméstica.

Quando Vossa Excelência terminou o colégio, em 67, fazia eu concurso para Professor Catedrático de Urologia, da nossa querida Ciências Médicas. Assim, teve Vossa Excelência novo contato com os miasmas. Não escutei os vagidos mas posso imaginar o volume e a tessitura.

Como acadêmico não descurou em buscar e adquirir experiência e ensinamentos. Assim, passou pela Maternidade Clara Basbaum, Emergência da Secretaria de Saúde, pela Terapia Intensiva do INPS, sempre por concurso.

Um residente exemplar, inclusive, rodando pela urologia onde o horário era rígido, o uniforme completo e o respeito ao doente eram exigidos. Eu, símbolo da direita opressora, preocupava-me com os doentes do ambulatório e sempre dizia "Para o doente um minuto de sofrimento é igual a uma hora".

Formou-se em 1973, no Theatro Municipal, de beca, cerimônia que recordou com saudade ao conversar comigo.

O valor de Vossa Excelência foi reconhecido, durante a residência, sendo logo convidado a direcionar sua carreira para a Universidade.

Desde a vossa inclinação para professor, o vosso comportamento tornou-se o que o Padre Vieira bem expressou no sermão da sexagésima

"Antigamente convertia-se o mundo, hoje porque não se converte ninguém?

Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Ter nome de pregador de nome não importa nada; as ações, a vida, o exemplo e as obras são as que convertem o mundo. O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear faz-se com a mão".

O ingresso como instrutor de ensino, o brilhante concurso feito para o INAMPS, em 1976, quando foi aprovado em duas situações, em Clínica Médica e Gastroenterologia, e o progresso na carreira vaticinavam um sucesso crescente.

Face aos compromissos com a Universidade e com a clínica, pediu demissão do INAMPS apesar dos protestos dos chefes e dos colegas. Provocou tal decisão, a noção de responsabilidade e a dúvida de não estar praticando boa medicina, ao contar ao final de um plantão, 201 fichas de atendimento. Foi a gota d'água. Pediu demissão.

Em progressão geométrica e já com a vocação universitária definida, Vossa Excelência foi em busca de títulos e evolução na carreira sempre pela prova da competência. Mestre, doutor, professor auxiliar, professor assistente, professor adjunto, livre docente e professor titular.

Em 1977, deu-se a melódia ou melodia, no dito popular. Este termo, usado jocosa e pejorativamente, quando definindo um acidente ou fato de vida, em relação a Vossa Excelência foi uma verdade. Conheceu Kátia, ao som melódico de uma festa e que veio a tornar-se a melodia de

vossa vida. Não tenho dúvidas de que a orquestra tem, ocasionalmente, abundantes instrumentos metálicos. Vossa sensibilidade musical tem sabido filtrar os sons e aí estão Gustavo, Gabriel José e Pedro a provar a doçura da emissão da maioria dos trechos da melodia, em conjunto com vossas divagações românticas ouvindo Mozart, compositor de vossa paixão. Kátia, de tenacidade invulgar, herança genética, acostumada que foi a um ambiente de luta e trabalho, tem sido colaboradora eficiente em vosso sucesso.

Fez mestrado em Gastroenterologia, de 1979 a 1983 e Livre Docência em 1989.

Em 1974, por decisão de vosso chefe Jayme Landman, foi criado o Serviço de Adolescentes, com a inestimável contribuição da Evelyn, da Maria Helena e da exemplar enfermeira Gilberta. Hoje é um modelar serviço, com exuberante produção e produtividade. Lá campeia o talento do Professor José Messias, galgado à categoria de Titular em 1992, em concurso presenciado por mim que, encantado, aprendi muito na prova didática.

Sempre acumulando títulos, não fugiu às atribuições burocráticas e gerenciais compulsórias e inerentes ao professor universitário. De chefe do Serviço de Residentes, Estagiários e Bolsistas, galgou posições de diretor em várias divisões no hospital, Chefe de Serviço, de Departamento, representante do Departamento de Medicina Interna em vários colegiados superiores da Faculdade e do Centro Biomédico, além de dois mandatos no Conselho Universitário da UERJ.

Entre os múltiplos trabalhos em revistas médicas e leigas, livros e monografias, ressalta, para meu deleite e gosto, excelente Memória, onde deixa transparecer técnica e emoção, escrita no mais puro estilo e correção gramatical, a vossa experiência no Adolescer e Adoecer. O trabalho incomparável na Unidade Clínica de Adolescentes, tornou-a o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente.

Vossa atividade ocuparia horas para ser enumerada pois soma participação em congressos nacionais e internacionais, simpósios, membro de comissões examinadoras de mestrado, doutorado, docente e para professor titular. Toda esta atividade granjeou-vos prêmios a trabalhos científicos, honorarias e a participação em oito sociedades médicas nacionais e estrangeiras.

Chefia Vossa Excelência uma ilha, com um grupo eclético e competente, que realmente se preocupa com a moldagem mental e física do futuro da sociedade.

Lamento a citação de ilha, feita com lágrimas nos olhos, pelo imenso amor que tenho pelo Pedro Ernesto. Infelizmente, interpretações errôneas de democracia e cultura vêm, ativamente, trabalhando para acentuar a curva descendente do prestígio e da atividade cultural da instituição. Mas como disse Marcel Prévost "nosso coração tem a idade daquilo que arma".

Iria terminar aqui este enfoque do meu discurso quando, ao receber convite para a 1ª Semana da Qualidade do HUPE, decidi não ausentar-me da discussão e usar desta tribuna, única a que tenho acesso, para externar meu sentimento.

Lamento não ter estado presente pois compromisso em Congresso no Exterior, há muito programado, foi o empecilho. Moveu-me ainda o título relacionado-a à atividade Universitária e

ao Hospital Universitário Pedro Ernesto e os temas a serem expostos. Estimulou-me, ao ler reproduzindo no programa, pensamento de Goethe

"Se você pensa ou sonha que pode, comece. Ousadia tem genialidade, poder e mágica. Ouse fazer e o poder lhe será dado".

Chego atrasado, pois após o conclave, mas chego. As universidades são uma soma de números complexos. A medicina não é melhor ou pior do que as outras unidades, é apenas diferente. Começa com os estudantes. Em nenhuma profissão lhes são dadas atribuições de relevo tão precocemente, como na medicina, pois, em inúmeras ocasiões, são obrigados a tomar decisões concernentes aos bens mais preciosos - a saúde e a vida. Isto já torna a medicina diferente. Nosso cadinho é o ser humano. Na Medicina Universitária, além dos deveres fundamentais do médico, de prolongar a vida e paliar os sofrimentos, há o da educação no sentido amplo - para o presente e para o futuro.

É tempo de repensarmos, sem paixões políticas, se as transformações provocadas em nossa Faculdade e no Hospital, contribuíram para o seu engrandecimento técnico-científico ou para sua regressão. É justo que seja analisado o esvaziamento da autoridade da competência em favor de outra, de uma pseudo democracia que tem anulado as vocações, tornando os concursos, quase, em samba de uma nota só. Quem desejaria submeter-se ao acúmulo de conhecimentos, títulos e concursos e depois submeter-se a um sistema em que nada disto é considerado para o exercício do poder? Sem lideranças, não há hierarquia. Sem hierarquia não há cumprimento do dever. Sem cumprimento do dever é o caos.

Como seria belo dizer, como Kant na Critique de la Raison Pratique,

"Je ne connais que deux belles choses dans l'univers; le ciel étoilé sur nos têtes,
et le sentiment du devoir dans nos cœurs".

Já é tempo de revermos a posição de atribuir somente aos governos municipais, estaduais ou federais a única culpa pelos desacertos. É necessária a recuperação do amor próprio, do orgulho em pertencer ao hospital e ser parte da medicina do Rio de Janeiro. Não fiquemos surdos à propaganda intensa, através das televisões e jornais, direcionados para a medicina paulista e estrangeira. Não sou contra, eles a fazem muito bem.

Há 3 décadas, no entanto, era diferente. A maioria vinha aqui aprender, aqui adquirir experiência. Algo houve. Meditemos no pensamento de Goethe. Ousemos em reconhecer os nossos erros, dotando o hospital de meios para que possa utilizar os talentos que ainda possui, tornando-o auto suficiente. Iria acabar com a síndrome do meio-dia - de dentro para fora, transformando-a em síndrome de 24 horas - de fora para dentro.

Como tenho ainda meu orgulho, apesar de continuamente ferido pelo próprio hospital, desejo que, caso não tenha sido discutido o que ponderei, sejam levadas em conta as minhas palavras pois contêm só um sentimento - a esperança. Esperança de ainda poder ter a

oportunidade em dizer que a ilha sob vossa chefia, senhor acadêmico, é cercada de excelências por todos os lados. A vaidade pessoal é algo até desprezível. Orgulho pela instituição é meritório.

Prometo a Vossa Excelência ser este meu último miasma. Não pude resistir, pois minha esperança reside também em professores jovens que, como Vossa Excelência, aqui ingressaram e sentem e sofrem com as verdades de minhas palavras. A Vossa Excelência e aos amantes da competência, dedico também a minha esperança.

Vossa Excelência é um dos obcecados por Mozart. Neste aspecto assemelha-se a seu antecessor acadêmico Fernando Pompeu. Não me cabe relato protocolar ao acadêmico Pompeu, porém peço permissão para fazer simples referência que, em última análise, têm muito a ver com Vossa Excelência

Tentei seduzi-lo para meu lado musical e captá-lo, como admirador de Manoel de Falla. Sem sucesso. Farei o mesmo com Vossa Excelência. Falla foi o compositor mais sincero e expressivo da época moderna.

Seu temperamento espanhol explode intensamente no Amor Brujo. Apaixonado por uma mulher, que era grande bailarina e cantora, Manoel de Falla prometeu-lhe escrever um balé que mulher alguma jamais iria dançar. Produziu o "Amor Brujo", letra e música onde a bailarina dança e canta. Sua promessa até hoje foi cumprida. Os menos versados conhecem apenas uma passagem do balé, "A dança ritual do fogo".

Ofereço a Vossa Excelência as semelhanças. Em um trecho, a feiticeira canta em espanhol arcaico "El amor es como el fuego fatuo, lo que importa es el quere" na alusão do apagar e ressurgir de uma paixão. Assim foi o desejo de Vossa Excelência em ingressar nesta Academia. Ao final, em verdadeira consagração à sua vitória, volta a bailarina a cantar "Aia vien raiando el dia", "Cantá companas cantá", "Cantá por la gloria mia". Não necessito ressaltar o encaixe dos versos na vossa posse. Dou por cumprida minha missão.

Descrevi com palavras pouco eruditas, mas sinceras, a casa que vos recebe ressaltando alguns assuntos de verdadeira preocupação acadêmica. Apresentei Vossa Excelência aos acadêmicos e ao público mostrando o acerto da eleição e posse de Vossa Excelência, acentuando ainda o muito que tem e que deve fazer com vossa cultura e inteligência no sentido da educação de novas gerações. Deixei um alerta, de que cumpre só a Vossa Excelência a construção de vossa memória nesta casa. Ressaltei o curioso da vida, reunindo os nossos destinos e premiando-me com a emoção em saudar-vos. Como vosso padrinho, desejo brindar Vossa Excelência com um presente, tomando emprestadas palavras de Cumplido Sant'Anna.

"Na academia só não será grande quem já nasceu para continuar pequeno e para isso acontecer o imprevisível aconteceu. O peristilo é grandioso. É da natureza humana tentar alcançar o que pode parecer inatingível".

Espero que possa seduzir-vos mais um pouco, desejando-me o acontecido com vosso antecessor. A solidificação de nossa amizade com o convívio salutar, neste ambiente - a nossa Academia. Almejo que ambos possamos dedicar a ela, algum dia, como Don Quijote em seus últimos alentos, retornando aos seus devaneios românticos, no reencontro com sua dama.

Quien es tu?

Soy tu Dulcinea

Uma vez tu me amaste

Y yo tambien te ame

E responderemos como Quijote moribundo

Mi señora

Tu eres mi señora

Siempre fuistes y serás

Sede bem vindo.

DISCURSO DE POSSE

José Augusto da Silva Messias

“SAÚDE É O ESTADO NO QUAL AS FUNÇÕES NECESSÁRIAS SE CUMPREM INSENSIVELMENTE OU COM PRAZER” (Paul Valéry).

“FELICIDADE É UMA PALAVRA ABSTRATA, COMPOSTA DE UMAS QUANTAS IDÉIAS DE PRAZER” (Voltaire).

EXCELENTÍSSIMO SENHOR
PRESIDENTE DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA
Professor Jarbas Anacleto Porto

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES
EX-PRESIDENTES DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES

ILUSTRÍSSIMAS ACADÊMICAS
ILUSTRÍSSIMOS ACADÊMICOS

MEUS AMIGOS CONVIDADOS
MEUS CONVIDADOS AMIGOS

Saúde e felicidade, estados de prazer, assim seja para todos nós! Sempre e, mais ainda hoje, momento de alegria e emoção pessoal ímpares, enaltecido e engalanado pelas suas presenças. Muito obrigado! Agora, aqui, tão bem se aplica o verbo celebrar: fazer realizar com solenidade. Essa Sessão Solene da Academia Nacional de Medicina é a celebração da minha posse como seu novo Membro Titular.

Senhor Presidente, quando aqui adentrastes, em 29 de abril de 1986, fostes saudado por quem eu, hoje, sucedo, Fernando João Batista Coelho Pompeu, que de pronto disse: a festa, desde a aurora dos tempos, está no coração dos homens! Festa, alegria e prazer nos dominem nessa noite.

Saúde e Felicidade, meus desejos.

Memória e Compromisso, meus deveres.

Na memória, o recordatório ritual dos que me antecederam na Cadeira 47, patronada por Luiz Pedro Barbosa, cristaliza a imortalidade acadêmica. Ao deles falar,

trago à nossa presença suas vidas, seus feitos e suas lembranças, perenizando-os. Revivificados serão, hoje, Leonel Gonzaga Pereira da Fonseca e Fernando João Batista Coelho Pompeu, além do patrono.

No compromisso, tenho, como novo acadêmico, a oportunidade de reafirmar meu juramento, há pouco lido, e de oferecer breve reflexão sobre esta nova situação que se me apresenta, pela minha vontade e por sua escolha, meus pares que agora me acolhem. Filosofar sobre “materia medica”

Saúde e felicidade, memória e compromisso, meus pares, dois antecessores, vemos assenhorar-se do texto o primado do duplo, da dupla, do dois! Proclamo-o, agora, pelo imprevisto. Não estava programado, surgiu!

Mas, visto dessa maneira, não se duvide do aflorar inconsciente de uma regra fundamental da natureza, onde o aparente equilíbrio harmônico da vida é a resultante da tensão contínua e assimétrica entre os desiguais: dia e noite, água e fogo, ar e terra, sono e vigília, caça e caçador, macho e fêmea, sístole e diástole, saúde e doença, morte e vida, o limite.

Mas tudo é relativo. Há quase cem anos, um cientista de nome duplo e com dupla nacionalidade, nos ensinou que o tempo pode ser descontínuo e o espaço curvo. Pela relatividade, sua fórmula-síntese é a exaltação da dupla, do dois: $E=mc^2$! Desde o binômio de Newton, de novo a dupla, uma equação não fazia tanto sucesso.

Na biologia, a matriz da vida e da sua permanência é a maravilhosa dupla hélice do ácido desoxirribonucleico (DNA, sua sigla globalizada entre nós). Essa, o duplo fundamental.

Até aqui, ciência. Saberes conhecidos e conseqüentes à informações adquiridas por experiências mais ou menos controladas na mente, no laboratório ou no campo. Nossa hora de agora, Senhor Presidente, é de festa como já determinou meu antecessor, ao recebê-lo. Cumpra-se a sua ordem!

Para isso, coloque-se a Arte como o foco da oração. Ciência e Arte, dupla que, à perfeição do humano possível, define a natureza da nossa profissão. No pórtico interno desse salão, acima do ícone de Hipócrates, lê-se que a vida é breve e a arte longa. (o bios braknis ine tekne makri)

Arte é emoção e emoção é imaginação. Fazer a imagem da vida, da existência da nossa vida, é uma necessidade arquetípica dos homens. Todos esses mitos criacionais determinam, em um momento e em uma circunstância, o aparecimento de um ser que será (é) humano. Algo fantástico: todos esses seres são duplas unificadoras, ao surgirem. Do Adão bíblico, andrógino, que cindiu para ser Eva, aos homúnculos saídos da mãe-cobra das lendas indígenas amazônicas, todos repetem o arquetipo do duplo-uno.

No Banquete, diálogo platônico, Aristófanes nos oferece a mais bela alegoria sobre este duplo-uno. Na origem, conta-nos, éramos redondos e fortes, com todas as

estruturas duplicadas. Ficamos soberbos com a nossa autonomia e desafiamos os deuses. Zeus nos castigou, separando-nos. As duas metades vagaram, abraçando-se, tentando recompor o uno. Não conseguindo, morriam. Apiedado, colocou Zeus os genitais do homem na frente e, agora, ao abraçar a mulher a dupla procriava. E, então, a espécie proliferou e sobreviveu. A cisão inicial determina a humildade e gera a força-motriz da vida: o AMOR, a busca incessante pela metade perdida; necessidade vital! Monogâmicos e poligâmicos, alegrai-vos! Busca é experimentação e, nem sempre, acerta-se na primeira tentativa...

A minha metade perdida, eu já achei (e ela a dela, temos certeza). Está ali, sentada à frente de todos vocês. Kátia Maria Montauray de Souza Messias. Filha de Maria Helena e Dionysio, esse titã dos pampas que veio, viu e venceu na vida e na medicina, com mãos grandes e coração enorme – opera et fabrica – e, agora, também, com o açúcar no sangue um tanto ou quanto descontrolado, repito, Kátia Maria minha metade, minha mulher, temperamento fortíssimo (na falta de outro superlativo), ação permanente e determinada, afeição complexa e profunda. Mulher da minha vida, em três abraços especiais, depois da correção anatômica em boa hora feita por Zeus, concebemos Gustavo, Gabriel José e Pedro. Gustavo, mistura temperada de seus pais; Gabriel José, corpo dos Souza e temperamento dos Messias e o Pedro, o caçula, aquariano é o Pedro e pronto! Amores incondicionais. O da mãe, ainda mais, umbilical – vital. Da minha mãe, também ali, da mesma forma, pela vivência anterior. Meu pai, gostosa saudade há sete anos.

Compromisso com a ciência, com a arte, com a família mas agora é hora de visitarmos a memória. Começo por Leonel Gonzaga Pereira Fonseca.

Ocupou a cadeira 47, como Titular, por 51 anos – mais do que eu tenho de vida: 1928 a 1979, quando passou a Emérito. Ao ouvir Pitangui, todos nos lembramos do Ivo, também acadêmico. Mas este é o nome da cidade mineira onde Leonel Gonzaga nasceu, em 21 de julho de 1885, perto de Belo Horizonte e de Pompéu, outra cidade, que bem podia ser do Pompeu com sotaque nordestino, do Ceará.

Do currículo e das façanhas de Leonel Gonzaga, trataremos logo. Antes, uma recapitulação que humaniza o texto. Na festa dos seus noventa anos, vários discursaram. Rinaldo de Lamare, lá pelas tantas, diz "... enviuvou cedo e foi um viúvo muito requestado, porque era bonito, um metro e oitenta de muito charme". Cumplido Sant'Anna deflagrou que "...sua postura era elegante, colarinho que só ele podia ajeitar, calças brancas e casaco de alpaca era um homem bonito. Postura, dignidade e doçura". Exemplifico. Postura demonstrou ao recusar do Governo do Estado Novo uma Cátedra, na Universidade do Brasil, sem concurso. Disse: "ou faço o concurso e serei catedrático, ou não faço e não serei catedrático". Uma febre paratifóide o impediu de fazê-lo.

Antes de ser pediatra, era um múltiplo pioneiro. Professor de álgebra; diretor do Instituto de Educação e diretor do Departamento de Saúde Escolar do Distrito Federal; redator do Código de Ética Médica, na década de 1930; presidente da Sociedade

de Medicina e Cirurgia em 1932-33; presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria; redator dos Estatutos dessa Academia, onde foi, também, seu Vice-Presidente. Teve o único carro elétrico do país, divulgou o idioma de Zamenhoff, o esperanto, escrevendo uma gramática, e seria o pioneiro da velhice na Academia, ultrapassando os noventa e um anos de Alfredo Sattamini. Velhice, condição exclusiva da nossa espécie, conquista moral definitiva da razão sobre o instinto. Entre nós, não sobreviverá apenas o mais forte e o mais adaptado. Cuide-se, e o desprotegido também permanecerá.

Na Pediatria, pertence àquela classe de pessoas que não se encerram em rótulos benfazejos, ou nem tanto. Não, ele tem a característica que poucos são possuidores e, quando tocados pela oportunidade, a exhibe em todo o seu esplendor. São os transformadores. Leonel Gonzaga, nas primeiras décadas deste século, transformou a prática pediátrica no Brasil. Aqui, também, um pioneiro. Com José Martinho da Rocha (um segredo, meu pediatra!), trouxe os modernos ensinamentos da escola alemã do início do século, mormente sobre nutrição, desnutrição, infecções gastrointestinais e síndromes diarreicas do lactente e da criança. Dos purgativos e calomenanos, lavagens e óleo de rícino às medidas dietéticas e à cruzada pelo aleitamento materno (atenção: estamos antes de 1920!), percorreu-se, em curto tempo, um longo caminho de transformações conceituais para a mudança de uma trágica realidade. Da atrepsia de Parrot à intoxicação alimentar, vimos os médicos da época, alimentados pela nova esperança, mudarem a expressão, então em voga para esses casos, "criança morre" para a outra, oposta, "criança vive".

Leonel Gonzaga nada sabia de Pediatria quando formou-se médico, em 1908. Na Santa Casa da Misericórdia, aqui ao lado, onde foi trabalhar no atendimento das crianças, demonstrou à exaustão a correção do princípio "aprende quem faz, sabe quem pratica e estuda quem duvida". No caso, no banco. Isso mesmo, essa crianças e lactentes ficavam no banco do corredor das enfermarias onde outras estavam internadas. Um funcionário ouvia o que lhes afligia (no mais das vezes, a queixa principal) e dava um número que seria trocado, na farmácia, pelo remédio de mesmo número. A grande transformação implantada por Leonel Gonzaga foi passar a examinar esses pacientes. Simples, na sua enorme complexidade. À noite, lia e tirava as muitas dúvidas que trazia dos bancos. Pronto, sem complicações e com muito trabalho, estava iniciada uma nova era na Pediatria brasileira. O rei sem coroa, como era conhecido pelos seus alunos, dava a aula magna da sua vida.

Não há dúvidas de que acabamos de relembrar compromissos atemporais da medicina, atualíssimos. A crônica da prática médica contemporânea, no Brasil por certo, é inquisitorial quando não obscurantista. Desde o Sistema Nacional de Saúde, sua organização e financiamento, até a ação local do médico, tudo vai de mal a pior. Só para citar as iniciativas públicas que contradizem esse pessimismo, sem negar a complexidade e o tamanho dos problemas, temos o Programa de Agentes Comunitários, o Programa da Saúde da Família e os Consórcios Municipais de Saúde; todos racionalizadores de

estratégias e poupadores de recursos. O resgate da dignidade e da remuneração do ato profissional é o desafio da hora, para todos nós.

Final de século é assim mesmo. De milênio, então, tema de profetas do apocalipse, como o calabrês Tommaso Campanella, em 1602, já prometendo, para agora, que “o sol escurecerá para sempre, a lua sangrenta escapulará da sua órbita, o ano será reduzido, os meses abreviados e as estrelas cairão em chuvas torrenciais”. Que coisa!

Dois fatos contextuais, simbólicos dos paradigmas de Leonel Gonzaga na sua prática profissional, como médico e professor, ilustram a sua atualidade.

William Osler, nos Estados Unidos da América, tendo em vista os problemas da assistência médica por ele enfrentados, escreve que “...é preciso, cada vez mais, conhecermos a pessoa que nos traz a sua doença ao invés de tentarmos conhecer, cada vez mais, a doença que aquele paciente é portador”. Regius Professor, não sem motivo!

Nessa mesma época, 1910, vem à público o relatório de Abraham Flexner, educador contratado para avaliar o caos do ensino médico americano. O relatório Flexner, sem dúvida, ajudou a transformar não só o ensino como a própria prática médica naquele país. Fixou o primado do hospital, do laboratório, do científico, da pesquisa, da especialização em todo o ciclo da medicina: do seu conhecimento, da sua aquisição, da sua divulgação, da sua aplicação e da sua organização. Ele colaborou com o espetacular e inimaginável desenvolvimento da medicina ao longo deste século! Os princípios ainda estão intactos, há que se aperfeiçoar o modelo.

Na Academia, mantenho o compromisso vital, incrustado no corpo e na mente, do binômio integrativo docente-assistencial. Que simplicidade, que complexidade. Por ser simples e complexo, não nos permitamos fazê-lo complicado.

Nas artes vemos quanta complexidade pode advir do que é, intrinsecamente, simples. DÓ-RÉ-MI-FÁ-SOL-LÁ-SI, com sete notas cria-se um universo musical emocionante, proporcionando experiências físicas e mentais radicais e, a cada momento, diversas. De outro modo, do verde, do vermelho e do azul (cores primárias, específicas de luz) cria-se um espectro de tonalidades que nos invade os olhos e nos paralisa, em momentos continuados de admiração. Da palavra e da escrita, então, o que dizer? Para nós, vinte e poucos símbolos gráficos – letras do alfabeto – que nos separam, pela consequência, como experiência biológica única da natureza.

Linguagem e texto, outra dupla simples, permitiram e permitem a humanização da nossa espécie, quão complexa. Essa reflexão, sobre o duplo e o simples, é, hoje, incompleta, sem o exemplo da ciência computacional, a informática. Todo seu código operacional é binário, 0 e 1, repetidos e combinados “ad infinitum” fazem estas máquinas maravilhosas e temperamentais funcionarem, ou não. Esfinge tecnológica, não me devorarás! Queimei um monitor de 14”, mas digitei todo esse texto num Pentium MMX, 233 MHz de velocidade e 2,5 Gb de memória.

Ser médico e ser professor universitário, por complexo, há de ser como vimos, simples. No médico, a simplicidade está, esteve e sempre estará sustentada por outro duplo fundamental, a relação médico-paciente. Relação pessoa-pessoa (iguais) submetidas a um momento assimétrico da vida, onde o saber de um complementa a necessidade do outro. Na sua singeleza, isso sói acontecer quando o médico experimenta, de forma radical, uma das poucas virtudes que lhe é obrigatória, talvez mesmo, a única; a compaixão!

No sentido literal, ter pena do sofrimento e da dor de outrem. De modo figurado, é o mesmo que sentir o amor exacerbado, por motivo excepcional e fugaz, determinado por fato real a que se é exposto. Neste sentido, o que emula a nosa ação será, sempre, o fato do encontro: o paciente que busca, no médico, o auxílio para suas aflições, crente no seu imaginado saber completo, inferiorizado pela impotência de conter e cuidar das suas dificuldades.

A compaixão será, então, o sortilégio, o encantamento, a virtude inicial do encontro médico-paciente. Esta relação será justificada, sob o ponto de vista moral e ético, quando estiver sustentada por uma outra atitude ímpar no homem, conquistada e irregularmente distribuída, entre nós, ao longo do tempo: a solidariedade. Não sem razão, ela tem na fraternidade, “ lato sensu”, um sinônimo. Fraternal e solidário, esse na essência é o ato médico. São atributos das ciências humanas, da sociologia, da vida de relação. Este, o compromisso da medicina hipocrática, doutrinário, nunca dogmático.

A medicina, a ciência da biologia humana e da sua relação com o meio ambiente, essa sim, adere uma histórica complexidade e abrangência progressivas ao ato médico singular, para muito além do horizonte individual. A técnica e a habilidade de dispensar o melhor conhecimento científico médico ao que dele necessita será a culminância artística do ato médico perfeito. Sem complicações ou contra-indicações!

E o professor de medicina? Ensinar para ser médico. Médico de pessoas, médico de pessoas doentes, médico de coisas simples e de coisas comuns. Sem complicações, também sem contra-indicações. Esse é o compromisso simples.

Na Academia original, a de Platão, em Atenas, escola de pensamento e reflexão sobre as coisas da natureza, da vida, da política e da Grécia, havia uma inscrição, sobre o pórtico principal: “Que aqui não entre quem não for geômetra”. A academia onde professo, a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCM-UERJ), bem que comportaria a inscrição “Que aqui não entre quem não tenha a atitude médica”. Defini-a há pouco e rememoro, compaixão e solidariedade.

Este é o desafio docente, a sutil diferença entre formar pessoas em medicina e formar médicos. Aquelas, geralmente, pouco sabem sobre o que é ser esse e esses, ao se formarem, não precisam saber tanto daquela. Aprenderão no caminho, como nós todos, ao longo da vida, como Leonel Gonzaga nos demonstrou no banco. É simples e complexo mas, outra vez, não pode ser complicado. Isto diz respeito à aquisição de informação e

de conhecimento, técnicas a serem ensinadas e aprendidas; pelo exercício, consolidarão um saber específico. De outro modo, isto, também, é comportamental; uma atitude.

E este comportamento médico? Esta atitude não se ensina; ao ser demonstrada, ela é transmitida, apreendida e reproduzida. Atitude é fenômeno cultural e esta é uma outra qualidade que nos distingue no mundo animal. O modelo de reação estética aos fatos da natureza, determinando padrões de comportamento variados, mutáveis e cumulativos, ao longo do tempo individual e coletivo, nos faz humanos e não, apenas, animais. Transmitir estas estéticas para os pósteros e eles, a partir de então, continuarem a desenvolvê-las é nosso atributo específico. Picco della Mirandola, há quase quatro séculos, ensinava que “diferente dos anjos (perfeitos), os homens (imperfeitos) podem-se aperfeiçoar sempre, indefinidamente”. Sua conclusão filosófica foi a de que os homens são superiores aos anjos.

Ofereçamos, aos alunos, o exemplo de como é ser médico. A medicina, ele aprenderá como corolário da sua atitude médica. Há belas técnicas de como fazê-lo, dominadas por muitos, para uso nos anos da graduação e durante todo o depois...

Esses compromissos estão circunstanciados pela palavra-símbolo dos dias de hoje: crise! Não se duvide da sua existência. Mas, ela não é imanente nem ubíqua. O mundo de hoje é melhor do que jamais foi, e essa é uma constatação histórica, porque venceu miríades de crises anteriores. Por nós, estamos no limiar de um mundo melhor!

Vivemos a vida olhando para a frente, mas a entendemos olhando para trás e, então, o que se destaca são as pessoas: fazem a diferença. Muitos dos nossos acadêmicos, às suas épocas, fizeram a diferença nas suas crises contemporâneas. No futuro, ao olharem para hoje, quantos de nós pudéramos fazer a diferença?

Na minha vida médica, Jayme Landmann, Aloysio Amâncio, Raphael Salek Filho, Edson Jurado da Silva e Luiz Carlos Faria de Araújo fizeram a diferença. Outros também, eles sabem, mas esses são os pilares primordiais. Na vida, Alexandre Abrão Neto e Flávio Tannure, “frater pectus et anima”, há quarenta anos!

Voltemos à memorialística, contraponto do compromisso, motivos temáticos dessa oração, como a dupla, sua estrutura. Pessoas que fazem a diferença. Fernando João Batista Coelho Pompeu, daqui para a frente, o Pompeu. Médico, neurologista, acadêmico, saudoso amigo, paternal companheiro na UERJ. Veio de Fortaleza, Ceará, nascido em 1918. Jogava xadrez, e bem, vice-campeão estadual aos 10 anos de idade. Apeado do tabuleiro, talvez na antevisão paterna de melhor sorte com as cefaléias, as afasias, as paralisias – todas femininas, como a própria neurologia. Cheque-mate, professor Pompeu! Se estudasse um pouco mais a abertura P3CR (a sólida defesa ninzó-indiana), quem sabe, resistiria um pouco mais no tabuleiro...

Com formação completa aqui e no exterior, Pompeu brilha na carreira docente e assistencial, com todos os méritos. Chefe de Serviço em hospitais públicos, o do Miguel Couto melhor exemplo; Professor Titular por concurso, na UERJ. Em todos, a marca da

competência, da solidariedade, da fraternidade e da compaixão. Sólido saber médico indissociado do ato médico completo. Também na clínica pessoal, teve a fidelidade de numerosa clientela. Colaborou, de forma decisiva, na implantação do Centro Médico Barrashopping, sucesso conceitual e profissional incontestado.

Para usar uma expressão jovem, Pompeu é dez! O Pompeu informal, irônico, atilado, divertido, e também hipocondríaco assumido – com pavor incontrolável de vírus e que tais... Sempre carinhoso com os seus, terminou seu discurso de posse, nessa Academia, com a piada da sogra seqüestrada, cuja exigência do pagamento do resgate, caso não cumprida, implicaria na devolução da sogra. E ele completou, dirigindo-se para a sua sogra, ali sentada: “fique tranqüila, minha adorada velhinha, se isto te acontecer, não pagarei a exigência”.

Em processo por mim relatado no Conselho Universitário da UERJ, em 1996, Pompeu teve aprovada a concessão do título de Professor Emérito da Uerj. Quis nossos finitos destinos, que ele não recebesse, em vida, tão justa homenagem. Por outros motivos, no meu relatório, permiti-me uma inconfidência, de público: “Pompeu, nós botafoguenses, sabemos que há coisas que só acontecem conosco”. Dona Maria da Glória, Fernando, nós, da estrela solitária, bem o entendemos.

Meu caro Pompeu, como é bom compartilhar todas essas coisas, e muito mais, com você. Agora, a cadeira 47; que eu lhe seja bem-vindo, na companhia. Chegue um pouco para lá, sentemo-nos juntos!

Benjamim, filho último de Jacó e Raquel, torna-se substantivo ao designar o membro mais novo de uma instituição. Na Academia Nacional de Medicina, agora, Benjamim Messias. Soa bem!

O Benjamim de Jacó e Raquel, de criança à adulto passou, quase, de uma hora para a outra. Hoje, ele teria uma longa adolescência para cumprir e, pelo que parece, com sofrimentos, riscos e progressivas chances de insucesso. Medicina em adolescentes, ação política para muito além do ato médico.

O estigma da adolescência como estado mórbido, passível de controle, é prevalescente. A época ímpar das nossas vidas, de curiosidade racional, algo impetuosa, inconseqüente se tanto, mas que alicerça, pela vez primeira, a experiência consciente do ser, do eu, o exercício independente das nossas vitalidades. É simples, complexo, mas nunca complicado. Sua estigmatização negativa é perversa, galicismo fusional de “père version”, versão do pai, autoridade castradora. O estigma adolescente reflete, no mínimo, uma culpabilização da vítima ou efeitos da identificação projetiva. Sexo, drogas, rock’n roll, violência e desesperança não lhes são genuínos, são padrões de comportamento importados por eles de modelos socio-culturais dominantes, não criados ou determinados por eles. Suporte e estímulo contrapõem-se ao controle e repressão. Projeto de vida, tão simples e tão difícil.

Na Polinésia, um ditado maori diz “retribuas com o que recebes, que estará tudo bem”. Se os adolescentes estão nos retribuindo com violência, tráfico e consumo de drogas ilícitas e lícitas, doenças sexualmente transmitidas, grávidas incapazes para a maternidade concluímos que não está tudo bem. A estatística da mortalidade e da morbidade dos adolescentes não pode estar dominada pelo projétil de arma de fogo de grosso calibre, pela arma branca, pelo atropelamento por veículo motorizado. Mesmo que a nossa ação profissional não alcance, de imediato, as causas e as conseqüências dessas tragédias temos, em primeiro lugar, que nos indignar e, como cidadãos em situação privilegiada, carrear essa indignação para a ação política indispensável ao longo processo social de transformação desta realidade. Para todos, isto é vital como nos soa, a nós médicos, um dos aforismos de Hipócrates que diz “para doenças extremas, curas extremas”.

Chego, agora, à memória derradeira, a do Patrono da cadeira 47, Doutor Luiz Pedro Barbosa. A palavra correta é o epicédio; não mais a usarei, pelo estranhamento. Pouco falarei do médico pediatra, do professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, do fundador da Policlínica de Botafogo, do estudante de medicina laureado com a Medalha Humanitária, pela população de Campinas, São Paulo, por “sua decidida bravura contra a feroz ceifadora, a febre amarela, na epidemia de 1889”, nas palavras de Alfredo Nascimento. Nascido pernambucano do Recife, em 1870, médico aos vinte e um anos. De então, vida docente completa, chegou a Catedrático de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Na Saúde Pública, foi Diretor Geral do Departamento Municipal de Assistência Pública. Publicou mais de cinquenta trabalhos. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria. Morreu no ano em que eu nasci, 1949.

No entanto, a maior lembrança que eu tenho de Luiz Barbosa é geográfica. Ele é nome de rua em Vila Isabel, meu bairro de moradia do nascimento ao casamento. Rua essa bem próxima, quase ali na esquina da minha casa.

Vila Isabel, bairro interessante. Aristocrático e francês, na origem e planejamento, tem o único boulevard da cidade que, no entanto, tem o nome da data da assinatura da Lei do Ventre Livre, pela Princesa Isabel, epônimo do bairro, 28 de setembro.

Antes, era a Fazenda dos Macacos, pelo morro que o limita ao norte, presente de casamento de Dom Pedro I à sua segunda esposa, a bávara Amélia de Leuchtenberg, por Josefina, uma neta de Napoleão Bonaparte. Isto é Vila Isabel.

Depois virou bairro abolicionista, com diversas ruas a homenageá-los: Senador Nabuco, Visconde de Abaeté, Souza Franco, Teodoro da Silva, Torres Homem (minha rua) e o próprio Luiz Barbosa, margeando a Praça 7 (de março, depois Barão de Drummond, o criador da loteria dos animais, antecessora da contravenção paratodos), dia 7, dia da instalação do Gabinete do Visconde do Rio Branco, abolicionista convicto. Outra rua,

outra reminiscência, outro médico. Essa, na esquina da minha casa. Heleno Brandão, sogro de Jorge de Marsillac e avô de Jayme, esses aqui presentes.

Hora de terminar. Como Benjamim Messias, vou contar uma história do tipo ...era uma vez.

Era uma vez, no início do século, quando a vida de um rapazola ia seguindo seu curso, no ritmo da “belle époque”, frenesi pré-revolucionário, ocorre o inesperado. Ele adocece gravemente, restringe-se ao leito, impossibilitado de andar e de outros movimentos comezinhos; dizem, só mexia com os olhos. O diagnóstico, reumatismo infeccioso, consuetâneo com o saber da época, dominado pelo mundo microscópico e microbiano de Koch. Talvez, em verdade, fosse uma artrite reumatóide na sua variante juvenil, conhecida como Doença de Still. Imagino algo não muito diferente de tártaro emético, linimentos de terebentina, ópio, óleo canforado, sinapismos e banhos, como sendo as recomendações do médico de nomeada que o atendeu e o acompanhou durante a sua prolongada enfermidade. Acomodou-se, de pronto, na casa, um casarão na Praia de Botafogo, de sua irmã, tia Bebê, seu apelido da inocência e da bondade. Para fazer-lhe companhia e conversar, chamaram uma prima distante, Maria Emília. Da conversa ao namoro, do namoro ao casamento, foram os meses do trabalho do médico que, dizem, lhe salvou a vida, curando-lhe do reumatismo (“still alive”, permitam-me o trocadilho).

O paciente chamava-se Elvino Pereira da Silva, meu avô materno. O seu médico, Dr. Luiz Pedro Barbosa, patrono da minha cadeira nessa Academia e meu patrono pessoal, posto que, sem ele, pelos ditos, a história da família Pereira da Silva seria outra história.

Não se esgota o que tenho a dizer, mas não devo prosseguir. Fraquejo. No “Cavaleiro da Rosa”, Richard Strauss nos ensina “quão pouco um coração de gelo pode resistir a uma flecha de fogo”. Muitas houve, até agora e mais haverá daqui a pouco. Protejo-me.

A frase da parede deste salão, citada no início desse discurso, é um fragmento do primeiro dos mais de quatrocentos aforismos de Hipócrates que, completo, nos diz “a vida é curta e a arte tão demorada para aprender; a oportunidade logo passa; a experiência é enganosa e o julgamento difícil”. O último, de número 406, é trágico e doloroso ao dizer “essas doenças, que os remédios não curam, a faca o faz; aquelas que nem a faca, o fogo pode curar; mas, as que nem o fogo curam, devem ser declaradas incuráveis”.

No teatro romano, ao final do texto, declarava-se “acta est fabula” (a peça foi representada). Um poeta recente, T.S. Eliot (Thomas Stearns), atualiza o sentido da representação, ao dizer que o ser humano não suporta muita realidade. Tem razão. A realidade sanitária e a realidade nosológica do nosso povo formam uma dupla que, em determinadas situações, são insuportáveis.

No “Quotidiano”, verso de Roseana Kligerman, irmã do Jacob, minha amiga, ela diz

O meu cotidiano
De estrelas impossíveis
Mar aberto e infinito
É a roupa com que me visto
De tal modo intensamente
Que a outra vida
A que dizem verdadeira
De contas para pagar
De leite grudado na leiteira
Parece vida fingida

Memória e Compromisso, dever cumprido e com muita emoção. Assim, persistirei no trabalho cotidiano de fazer, sempre, a esperança suplantar a experiência, o sonho dominar realidade.

Saúde e Felicidade, meus amigos.

Muito obrigado.